

# A respeito de uma demografia histórica de contatos culturais\*

Sérgio Odilon Nadalin\*\*

## Resumo

Propõe-se discutir a experiência de investigação cujo horizonte é demarcado pelos “leques interpretativos” inerentes à história das populações e à demografia histórica. De outra forma, examinar um marco teórico definido pela história de uma população de origem imigrante, cujo dinamismo tem-se mantido por um ritmo singular, embora pautado, de maneira geral, pelos fenômenos relativos à transição demográfica. Essa história define-se por um quádruplo recorte temporal (as três dimensões braudelianas e a temporalidade desenhada pelos ciclos vitais dos indivíduos agrupados em quatro coortes de casamentos). O marco teórico completa-se: a) por uma história de migrações, tanto de indivíduos cuja origem radica-se em alguma parte do que denominaríamos de Europa Germânica quanto de homens e mulheres que chegam à cidade como fruto de deslocamentos internos de população; b) por uma história da urbanização, fundada no consenso de que a “produção” dos aglomerados urbanos resulta da maneira com que neles se articulam a imigração, a reprodução biológica e a recreação cultural; c) por uma história política, cujo tema desenvolve-se em função do embate entre duas concepções de cidadania: uma – “brasileira” –, apoiada no *jus solis*; outra – que fundamenta as concepções e valores étnicos “teuto-brasileiros” –, no *jus sanguinis*. Nesse contexto visualiza-se a constituição de uma identidade cujas fronteiras étnicas foram definidas pelos membros do grupo e atribuídas pelos de fora; d) Finalmente, uma história institucional, que se desenvolve em dois níveis: num, a vida e organização paroquial dos luteranos de origem germânica em Curitiba; noutro, a história das relações paroquiais no seio do desenvolvimento de uma organização supraparouquial que redundaria na Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

**Palavras-chave:** Demografia histórica; Tempo histórico; Grupo étnico; Ciclo familiar.

---

\* Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Abep, realizado em Caxambu, MG, Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

\*\* Professor do Departamento de História e do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (Cedope), Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisador do CNPq.

Este trabalho tem como objetivo discutir uma experiência de investigação cujo horizonte é assinalado pelos “leques interpretativos” inerentes à história das populações e à demografia histórica. Ou melhor, trata-se de examinar alguns aspectos do marco teórico definido pela história de uma população de origem imigrante, cujo dinamismo tem-se mantido por um ritmo singular, embora pautada, de maneira geral, pelos fenômenos relativos à transição demográfica (queda da mortalidade e da fecundidade).

Tal história define-se por um quádruplo recorte temporal, articulando as três dimensões braudelianas (BRAUDEL, 1969) e a temporalidade desenhada pelos ciclos vitais dos indivíduos agrupados em quatro coortes de casamentos. Para além, o marco teórico completa-se:

- a) por uma história de migrações, tanto de indivíduos cuja origem radica-se em alguma parte do que denominaríamos de Europa Germânica quanto de homens e mulheres que chegam à cidade como fruto de deslocamentos internos de população;
- b) por uma história da urbanização, fundada no consenso de que a “produção” dos aglomerados urbanos resulta da maneira como neles se articulam a imigração, a reprodução biológica e a recriação cultural;
- c) por uma história política cujo tema desenvolve-se em função do embate entre duas concepções de cidadania: uma – “brasileira” –, apoiada no *jus solis*; outra – que fundamenta as concepções e valores étnicos “teuto-brasileiros” –, no *jus sanguinis* (nesse contexto visualiza-se a constituição de uma identidade cujas fronteiras étnicas foram definidas pelos membros do grupo e atribuídas pelos de fora);
- d) por uma história institucional, que se desenvolve em dois níveis: num, a vida e organização paroquial dos luteranos de origem germânica em Curitiba; noutra, a história das relações paroquiais no seio do desenvolvimento de uma organização supraparoquial que redundaria na fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a IECLB.

Isso posto, tomamos como eixo da discussão um dos aspectos acima colocados, qual seja: a definição de um quádruplo recorte temporal, considerando o conteúdo de dois esquemas epistemológicos desenvolvidos e apresentados em manual recente (NADALIN, 2004).

## A história de uma pesquisa

Entendo que a ementa da sessão temática traduz uma implicação inicial no que se refere à reflexão crítica solicitada. Trata-se de trocar experiências,

refletir a partir de depoimentos e experiências de pesquisas.<sup>1</sup> No que me concerne, tudo começou quando propus a construção de uma tese de doutorado, inserindo-me nas linhas de pesquisa desenvolvidas por Louis Henry (que seria o meu orientador) no *Institut National d'Études Démographiques* (Ined). Em outros termos, realizando o que se fazia muito na época (década de 1970): reconstituições de famílias e elaboração de monografias de paróquias (REHER, 1997). O âmbito acadêmico do meu projeto estaria coberto pela *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (Ehess), cujo programa de estudos denominava-se “História e Geografia das Populações”; dentre as opções ofertadas, escolhi “Demografia Histórica” para desenvolver minhas investigações. Com essa finalidade, fez parte da bagagem que me acompanhou em Paris uma coleção de “fichas de levantamento nominativo abreviado” (FLEURY; HENRY, 1985, p. 69-75), contendo informações a respeito dos batismos, casamentos e óbitos dos luteranos em Curitiba, de 1866 a 1969.

De lá para cá, muito tempo já se passou, e um pudor crítico impede-me de tecer mais comentários a respeito da tese que produzi (NADALIN, 1978). Agora importa mais enfatizar que, desde aquele momento, tive de construir uma problemática que se diferenciava bastante das tradicionais monografias de paróquias que se produziam às centenas na época, mor das vezes voltadas aos estudos de populações do Antigo Regime.<sup>2</sup> Além de a história demográfica dos luteranos ter-se desenrolado em época muito mais recente, atingindo praticamente a atualidade (segunda metade do século XIX, primeira metade do XX), os indivíduos que constituíam a “minha” paróquia eram, em maioria quase absoluta, ou imigrantes de fala “germânica” ou descendentes.<sup>3</sup> Mais do que isso, a natureza da religião professada pelos membros da paróquia articulava uma comunidade com fronteiras étnicas relativamente definidas, cuja construção elaborava de modo gradativo o “alemão”, tal como concebido pelos curitibanos. Note-se que estou distinguindo conceitualmente, de um lado, os germânicos, emigrantes oriundos da Europa Central e de origens

<sup>1</sup> “Esta sessão temática se propõe a congregar historiadores da população para, no âmbito da epistemologia das pesquisas que desenvolvem, unirem-se numa reflexão crítica acerca das relações entre a demografia histórica e a história da população com os demais domínios da história.”

<sup>2</sup> Para a publicação na França em 1984 de um trabalho crítico, Jacques Dupâquier (1984), contou 558 monografias, das quais 25 consagradas ao século XVI, 165 ao XVII, 445 ao XVIII, 133 ao XIX e, finalmente, 32 consagradas ao século XX.

<sup>3</sup> Descendente pelo lado materno de imigrantes de fala germânica, o que explica um pouco o meu interesse no tema, o meu acesso aos arquivos foi facilitado por pertencer à então denominada Comuna Evangélica de Curitiba, antes a *Deutsche Evangelische Gemeinde*, hoje Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

diversas, coloridos por complexas distinções sociais, culturais e pela utilização de variados dialetos locais;<sup>4</sup> de outro lado, os alemães, rótulo genérico agrupando os estrangeiros no contorno de uma “cultura imigrante” constituída em função da resposta dada às expectativas manifestadas pela sociedade brasileira (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 71).

Gradativamente, a problemática básica desenvolvia-se, e no final da década de 1980 a reescrevi pela primeira vez (NADALIN, 1987). Nesse texto, evidenciavam-se minhas raízes braudelianas, tendo em vista toda uma tradição historiográfica francesa que marcou as primeiras gerações dos docentes que constituíam o Departamento de História da UFPR.

O grupo religioso definia-se naturalmente na *longue durée*, distinguindo-se entre a segunda metade do oitocentos e o terceiro quartel do século passado – dois grandes períodos. No primeiro, evidente até pelo menos a década de 1930, várias gerações de luteranos sucederam-se, conformando uma consciência étnica original, caracterizada pela valorização ideológica do *Deutschtum*<sup>5</sup> (SEYFERT, 1981, p. 3-4). No seu âmbito, está bem expressa a prática de uma *Muttersprache* (língua-mãe) e da religião evangélica luterana. De fato, de acordo com muitos, Lutero teria dado ao cristianismo um “espírito alemão” (FUGMANN, *apud* MAGALHÃES, 1998, p. 200), o que explica a denominação *Deutsche Evangelische Gemeinde* (Comunidade Evangélica Alemã) para as comunidades paroquiais organizadas entre os imigrantes e descendentes.

Acompanhando a inserção do grupo na história da sociedade curitibana (e brasileira), foi possível demarcar “tempos médios” – conjunturas –, que resultaram de diversos cortes transversais no tempo. No primeiro período são assinalados, dessa forma, três grandes momentos na história da comunidade, desde os anos em que, a partir da fundação da Colônia Dona Francisca (atual Joinville, SC) em 1850, instalaram-se os primeiros imigrantes em Curitiba e periferia. Seria essa a primeira fase da história da paróquia, desenvolvida no contexto do Segundo Império e marcada por uma política imigratória original.<sup>6</sup>

A segunda fase da história da comunidade imigrante coincide praticamente com a conjuntura inaugurada pela República e se estende até os anos

<sup>4</sup> “Eram prussianos, posnanianos, silesianos, pomeranos, hanoverianos, haburgueses, renanos, suíços; alguns eram naturais do Schleswig-Holstein, outros do Mecklenburgo, da Saxônia, Turíngia, Westfália, Alsácia Lorena etc. Foram encontrados até alguns bávaros e austríacos, católicos por tradição” (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 73).

<sup>5</sup> *Deutschtum* pode ser traduzido como “germanidade” ou “germanismo” (SEYFERT, 1981, p. 3-4).

<sup>6</sup> Ver “A questão dos ‘vazios’ demográficos” (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 66-70).

da Primeira Guerra Mundial. Embora houvesse continuidade no processo de construção de uma identidade étnica marcada pelas evidentes contradições entre as concepções do *jus solis* – defendida pela *intelligentsia* brasileira – e do *jus sanguinis* – justificada por toda uma geração de teóricos teuto-brasileiros (SEYFERT, 1981, p. 55; MAGALHÃES, 1998, p. 120) –, do ponto de vista demográfico a população da paróquia deixava de ser majoritariamente imigrante, caracterizando-se por uma maioria nascida no Brasil, seja em Curitiba, seja em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Ao período seguinte, entre as duas guerras mundiais, chamo de conjuntura de crise. Mudavam as circunstâncias em que se sedimentava a identidade étnica do grupo, tanto pela chegada de imigrantes germânicos social e culturalmente distintos daqueles que imigraram no século XIX, quanto pelos efeitos da crise de 1929 sobre a legislação imigratória e, principalmente, pela crescente exacerbação das paixões nacionais propiciadas pelo período Vargas, sobretudo durante o Estado Novo.

Estavam, portanto, criadas as condições estruturais para que os acontecimentos relativos à Segunda Guerra Mundial, em especial os que levaram à entrada do Brasil no conflito ao lado dos aliados, em 1942, determinassem mudanças substantivas na história da comunidade étnica. Para resumir, a coesão do grupo formado pelos imigrantes alemães e descendentes foi, desde a segunda metade do oitocentos, influenciada pela identificação que dele fazia a sociedade receptora, completando-se o quadro de uma dinâmica de conflito, em grande parte fundamento da etnicidade. Assim, sua história deve considerar os ritmos temporais da unidade interna da comunidade, combinados com os ritmos definidores da história da sociedade curitibana – como vimos na descrição sintética das diversas “fases” do processo histórico definidor da comunidade. Dito de outra forma, trata-se de temporalidades formadas pela contradição, em níveis diversos, dos contatos culturais. Essas múltiplas influências, de um lado, articulavam as forças “comunitárias” — centrípetas — com forças de caráter estatal e que jogariam contra a *Gemeinschaft*. De outro lado, e na mesma direção, forças “societárias” — centrífugas —, impostas pelo desenvolvimento das relações sociais numa cidade que se modernizava e cujos habitantes adequavam-se de modo gradativo ao mercado (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 72),<sup>7</sup> e que tenderiam à assimilação ou à integração dos elementos do grupo (WACHTEL, 1998, p. 118).

<sup>7</sup> Já havia tratado da questão em NADALIN, 1987, p. 138-139 e 2000, p. 44-45.

Toda a longa duração esboçada tem como vetor um tempo cujas balizas localizam-se em 1866, ano da fundação da paróquia, e 1939, quando eclode o segundo conflito mundial – ou, talvez melhor, 1939/1945, porque aí incluímos toda a efervescência gerada pelos acontecimentos da conjuntura da guerra. Façamos, agora, o exercício de um retorno, do presente para o passado. Hoje, a paróquia está filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) e, apesar de se reconhecer no biótipo e no sobrenome da maioria dos seus membros a ascendência européia, somente uma minoria ainda se comunica em alemão. Sem dúvida, a memória do grupo, mantida principalmente pelas gerações mais velhas, aponta, ainda, para um sentimento de germanidade, que reflete contraditoriamente em duas concepções de igreja que convivem,<sup>8</sup> mas que a IECLB luta para superar. Do ponto de vista demográfico, aparentemente o grupo estagnou, depois de um crescimento contínuo até, pelo menos, a década de 1960 ou 1970.<sup>9</sup> Isso se dava para além de um crescimento simplesmente vegetativo, pois Curitiba era até há pouco tempo pólo de atração importante para os descendentes de alemães oriundos principalmente de Santa Catarina.

A partir de quando, portanto, a denominação “teuto-brasileira” para os membros da comunidade deixa de ter sentido? Todos os indicadores que possuímos apontam justamente para o final da década de 1930 – mais precisamente para, no interior da conjuntura da Segunda Guerra Mundial –, eventos catalisadores das mudanças estruturais que anunciavam a possibilidade de uma espécie de “reinício” da história da paróquia.<sup>10</sup>

Até então, a coerência do grupo definia-se pela construção de uma identidade étnica, e nada parecia anunciar mudanças estruturais nesse processo.

<sup>8</sup> Creio que a questão posta em 1974 por Rodolfo Doerzapff (1974, p.10) ainda subsiste. Observava ele que coexistiam lado a lado duas concepções de igreja – “a dos que a ela pertencem por razões de nascimento, ou seja, por tradição, e a dos que são “praticantes”, engajando-se em seus vários setores de trabalho (...). É justamente por estarmos numa situação de minoria dispersa, de diáspora, já com raízes nacionais é que talvez se possa observar uma maior conscientização dos leigos, numa amplitude inexistente na Igreja-Mãe”.

<sup>9</sup> Em 1969 eu possuía informações de que a paróquia era constituída por 2.100 “membros contribuintes”, congregando espiritualmente cerca de 10.500 almas (NADALIN, 1969, p. 19). A Secretaria da CELC-UP informa que, atualmente, a comunidade na grande Curitiba é composta de aproximadamente 10.000 pessoas.

<sup>10</sup> Denise Bottmann, numa releitura de artigo de Emmanuel Le Roy Ladurie sobre a *chouannerie* na França, chama a atenção para o “acontecimento catalisador”, “acontecimento imprevisto que não cabe em nenhuma estrutura única e em nenhuma seqüência histórica totalmente coerente; (...) acontecimento com sentido próprio, mas não solto no ar. Não era previsível, mas era possível dentro do jogo das estruturas antigas e novas” (BOTTMANN, 1986, p. 285-7). Ver também o próprio texto de Ladurie, 1973.

Ou seja, se mudanças havia, eram engendradas pela própria dinâmica das estruturas que, de certa forma, conformavam os luteranos no interior de fronteiras étnicas, no período 1866-1939/1945. Entretanto, 1945 marcou o estreitamento final, no conjunto de acontecimentos que assinalavam, no fim dos anos em referência, um “desvio” da história, uma “mutação”.<sup>11</sup> Um pouco antes, o Estado Novo dava forma a uma ditadura que permitiu, ou até estimulou, pressões da intimidação policial e dos órgãos de segurança e que consentiu, dado o clima geral do momento, na exacerbação das paixões populares e de um ambiente de tensão que atingia diretamente comunidades imigrantes. Dessa forma, a vida na Comuna Evangélica deve ter sido bastante tumultuada pelas incertezas do momento, principalmente no que se referia aos novos dispositivos legais que pretendiam regular o funcionamento das associações de imigrantes e descendentes. As atas da época revelam o problema: a partir de 1938 esses documentos são escritos em português e os registros do período 1932 a 1938 desapareceram. Todas essas incertezas tomavam corpo na evolução dos acontecimentos. Se, em abril de 1939, as autoridades policiais haviam ordenado que, até segunda ordem, os cultos fossem realizados em português, em setembro do mesmo ano permitiu-se que a liturgia fosse feita na língua da Igreja, mas a pregação no vernáculo. Quase um ano depois, em julho de 1940, comentava-se acerca de uma contra-ordem das autoridades, especificando que o culto fosse todo ele realizado em idioma nacional. Como teriam reagido os membros da comunidade? A vigilância era grande, corriam-se riscos, e a imprensa da época mostra isso.<sup>12</sup>

Apesar das diferenças entre Curitiba e Blumenau, a situação descrita por Giralda Seyfert (1981, p. 186) para as zonas de colonização no vale do Itajaí é muito elucidativa. Posso imaginar, portanto, o que se seguiu quando, em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra às nações do Eixo: a pressão sobre a comunidade teuto-brasileira deve ter atingido níveis quase insuportáveis, e as

---

<sup>11</sup> Imagino aqui o “novo” na história da comunidade, propiciado por uma série de condições favoráveis a uma mutação, no sentido genético do termo, ocorrida principalmente entre 1937 e 1945 (em especial entre 1942 e 1945). Sobre o tema, confesso a influência de uma reportagem, já antiga, a respeito da passagem de Edgar Morin pelo Brasil em 1981. O jornalista resume da seguinte maneira a conclusão da questão posta pelo filósofo: “O novo não está nunca dissociado no aspecto do acidente. O novo é consequência de um erro, do ponto de vista de uma evolução linear. A evolução, na verdade, passa sempre pelo desvio da norma” (*Folha de S. Paulo*, 28/8/1981).

<sup>12</sup> Uma separata do jornal *O Dia* (In: MARTINS, s/d, p.103-142), intitulada “Infame trama nazista no Paraná” dá uma idéia do sensacionalismo da imprensa na época, o que sem dúvida contribuiu para o clima de tensão entre os descendentes de imigrantes.

paixões populares exacerbavam-se. Como reagiram os membros do grupo?<sup>13</sup> Os cultos continuavam a ser realizados normalmente? Afinal, parte importante da liturgia luterana é composta pelo canto de hinos religiosos que, por essa época, apenas começavam a ser traduzidos (PETRY, 2002, p. 57). Ou cantava-se em alemão, e para isso os fiéis trancavam-se na igreja? Trata-se de um período curto – considerando-se os 140 anos de história da comunidade religiosa –, cuja memória é difícil recuperar: fontes desapareceram ou foram destruídas, e testemunhas, ainda vivas, não gostam de lembrar do tema ou o distorcem, por razões evidentes.

De qualquer modo, pelo menos do ponto de vista administrativo, o silêncio é expressivo. A coleção de atas do acervo do arquivo revela que, durante a guerra, a administração da comunidade funcionou em compasso de espera; sintomaticamente, diminuiu significativamente o número de reuniões do presbitério e da assembléia dos membros. Enfim, termina a guerra e o país se redemocratiza. A identidade teuto-brasileira, colocada em questão já a partir dos fatos anteriores ao conflito mundial, entraria mais profundamente em crise. A meu ver, esse problema não resultou simplesmente da derrota alemã na guerra – a Alemanha já havia sido vencida em 1918, sem maiores repercussões no grupo.<sup>14</sup> Mas são outros tempos: a minha hipótese radica-se na desmistificação do nacional-socialismo, em conjunto com a cruel revelação da natureza genocida do nazismo, num ambiente de medo e insegurança próprios dos acontecimentos relacionados ao caráter nacionalista do Estado Novo e da repercussão da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. É possível mesmo supor, numa perspectiva mais ampla, a destruição de um mito incrustado no inconsciente coletivo dos alemães, inclusive dos “alemães de além-mar”. O mito do *Deutschtum*, o mito de um *Reich*, do pangermanismo, exteriorizado entre os teuto-brasileiros (incluindo imigrantes mais recentes)

---

<sup>13</sup>“Nas atas [da paróquia], não se fala de política, germanismo, leis, muito menos da guerra. Por mais de dois anos (1942 e 1943) não há notícias registradas acerca da comunidade. Certamente sua vida continuou, mesmo que não na normalidade dos fatos. Há um vácuo, pois o registro das reuniões é retomado em 2/12/43, dando continuidade ao mesmo livro de atas, o que indica que não houve nenhum sumiço ou extravio, nada. Apenas silêncio. E um silêncio contundente, que fala alto, pois as reuniões sempre foram regulares na comunidade” (PETRY, 2002, p. 57).

<sup>14</sup>Durante a participação do Brasil na Primeira Grande Guerra, foi proibida aos imigrantes e descendentes a comemoração do dia da Reforma, “manifestações públicas a favor do *Reich*, bem como a circulação dos jornais no idioma alemão (...). Já em 1918, com o final da guerra, tais proibições seriam suspensas e aquelas associações e periódicos que sobreviveram aos tumultos voltariam a exercer suas atividades” (MAGALHÃES, 1998, p. 116).

por uma frase reveladora: “Nós queremos ser e permanecer: homens alemães, honestos e bons cidadãos brasileiros”.<sup>15</sup>

A partir desse momento, parece-me possível afirmar que a história da Igreja Evangélica Luterana no Brasil iniciou uma nova fase, assinalada pela importância do período precedente para o desgaste das estruturas “tradicionais” da Igreja, marcada pelo *Deutschtum*. Igreja de caráter “imigratório” no início, isto é, que fazia parte do complexo cultural trazido pelo imigrante alemão, atualmente seus propósitos são declaradamente missionários. Entretanto, o rompimento com o passado é difícil, e nunca completo. Ainda hoje, esse passado perpetua-se na conservação de características germânicas típicas, sem considerar aqui, naturalmente, os fundamentos da fé luterana, transportados de um passado mais longínquo.

### **Demografia e história: temporalidades que têm como referência os ciclos familiares**

O esquema teórico colocado permitiu, finalmente, a definição das balizas cronológicas da pesquisa. O ano inicial, 1866,<sup>16</sup> insere-se na conjuntura de relativa marginalidade do grupo, na primeira fase de sua história. O presente, principalmente o presente do historiador – marcado pelas circunstâncias em que se constrói essa problemática –, constitui o “fecho” da observação, pelo menos teoricamente. Na prática, utilizei o ano de 1987 para encerrar a história demográfica da população em referência, com o auxílio de um censo nacional realizado pela IECLB.

Do ponto de vista das análises da fecundidade e outras variáveis, realizadas até agora, e em virtude principalmente de alguns problemas técnicos ligados à metodologia, foi fixado provisoriamente o ano de 1939 para concluir algumas das observações, pelas razões teóricas explicitadas nas linhas acima. Com efeito, a fixação dessa data-limite considera, em princípio, que a história da comunidade mudou seu rumo a partir de 1945: nos anos 1930-1945, foi destacada a conjuntura relativa ao conflito mundial, período marcado pelas indeterminações traduzidas pelo jogo das estruturas e do contingente. Em

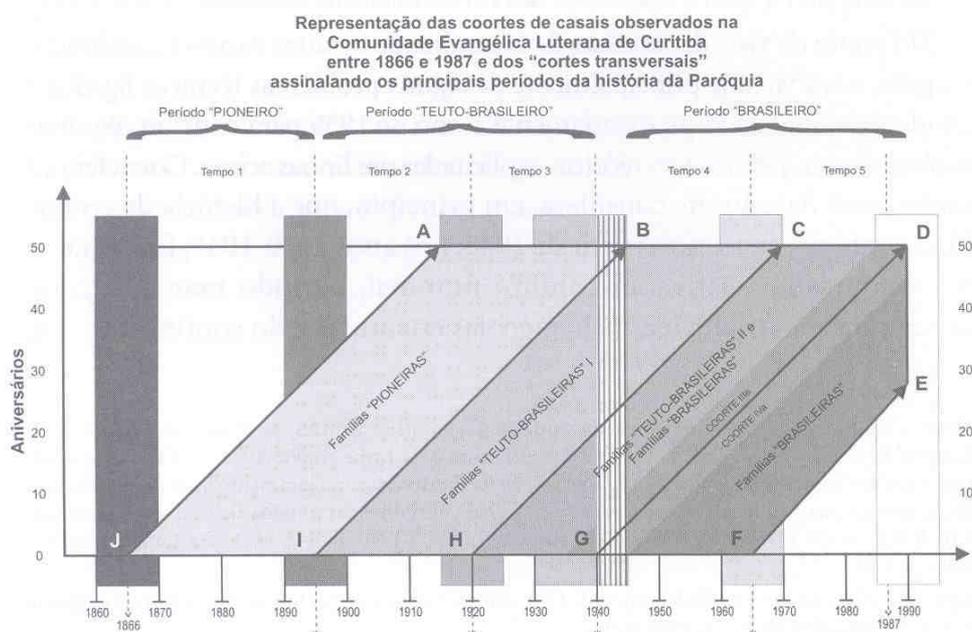
<sup>15</sup> O texto continua: “Se neste dia afirmamos que somos homens alemães, se, neste dia, juramos ficar homens alemães, fazemos isso na melhor das intenções e na firme convicção de que somente assim podemos ser realmente bons cidadãos brasileiros. Neste dia deveria ser o juramento do todo descendente de alemães, conservar a idéia étnica germânica, trabalhar para conservar a língua alemã na escola, em casa e na igreja” (*DER KOMPASS*, 1937, n. 87, *apud* WILLEMS, 1940, p. 143-144). Ver também Seyfert, 1981, p. 138.

<sup>16</sup> A paróquia foi fundada em 2 de dezembro de 1866, um domingo de Advento, constituindo a congregação 276 indivíduos, organizados em 56 famílias.

suma, pela articulação da etnicidade, marca do grupo até então, com os eventos marcados pelas tensões, pelo medo, pelas decepções e frustrações...

No âmbito dessas indicações, demarcaram-se finalmente como balizas os anos de 1895 e 1920, determinando os períodos 1866-1894, 1895-1919, 1920-1939; e, ainda, mais para o presente, 1940-1969 e 1970-1987, períodos, todos, indicados por “cortes transversais” no tempo.

Como é possível notar, as “fases” assim definidas correspondem mais ou menos ao que aconteceu com o grupo e com a paróquia desde sua constituição em 1866, mas têm um “quê” de aparente arbitrariedade. De fato, os mencionados períodos foram constituídos considerando-se a necessidade de se agregarem coortes de casais para o estudo da fecundidade do grupo – lá atrás, por ocasião das pesquisas desenvolvidas para o doutorado. Coincidem, é verdade, com os diversos “momentos” da Igreja Evangélica em Curitiba e com conjunturas bem conhecidas da história do Brasil, mas foram fixados em torno de um valor: períodos de 20, 25 anos, relativos ao que o senso comum define como “geração”. Por uma razão prática, pois, tendo em vista os objetivos demográficos da pesquisa, foi necessário agregar fichas de família concernentes às coortes de casais a serem analisadas (NADALIN, 1978, p. 287-288; 1981, p. 176-177). Coortes, gerações, enfim, que associavam histórias matrimoniais, revelando temporalidades recortadas longitudinalmente, que “atravessem” as relativas sincronias das conjunturas, como no diagrama abaixo.



Inspirada em Lexis,<sup>17</sup> a figura agrega quatro coortes privilegiadas na pesquisa em pauta, contornadas pelo polígono A-D-E-F-J, tipificadas como “pioneiras”, “teuto-brasileiras I”, “teuto-brasileiras II” e famílias “brasileiras”. Os diversos períodos da história da comunidade estão definidos por “cortes transversais” no tempo (tempo 1 a 5), cujas “fronteiras” foram propositalmente nuancadas. Além das datas balizas da pesquisa (1866 e 1987), a figura destaca o momento da ruptura nas décadas de 1930 e 1940, em especial 1939-1945.

As referidas coortes, da mesma forma, somam histórias individuais de homens e mulheres – imigrantes, filhos, netos... –, cada qual com o seu “ciclo vital”, tal como chamaria o demógrafo, o antropólogo ou o historiador da família.<sup>18</sup> De fato, trata-se de categoria com uma dimensão biológica, cuja carreira temporal é predeterminada. Inicia-se com o nascimento, finda com a morte e passa por uma série de transformações biopsíquicas, além de outras fases do transcurso temporal marcadas por ritos de passagem. Estes são definidos, de maneira mais ou menos arbitrária, pela sociedade (CAMARGO, 1980, p. 12-3).

Os ciclos vitais têm, portanto, temporalidade própria e característica. Da mesma forma os ciclos matrimoniais, cujos traçados têm início no matrimônio ou no momento em que dois indivíduos decidem pela coabitação – e essas uniões, como se sabe, também se marcam por ritos de passagem. Ao mesmo tempo em que os diversos nascimentos pontuam o ciclo matrimonial (que se encerra quando um dos cônjuges morre), dão início a cursos vitais diferentes, uma história de vida para cada filho, e assim sucessivamente.<sup>19</sup>

Como pretendi mostrar no diagrama, e como também já foi mencionado, os recortes transversais – definidores de conjunturas – alcançam o ciclo vital em momentos diferentes do seu percurso. Essa constatação sintetiza toda a virtualidade da perspectiva de análise fundada numa temporalidade própria dessa abordagem, na medida em que – independentemente da relativa coerência das conjunturas – histórias de famílias, histórias dos casais e seus filhos, histórias de coortes de indivíduos têm sua própria autonomia.

<sup>17</sup> Wilhelm Lexis (1837-1914) disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/dic/oc/digramalexis.htm>>; <<http://www.eumed.net/cursecon/economistas/Lexis.htm>>. Acesso em mar. 2006.

<sup>18</sup> A teorização que se segue é francamente inspirada em texto publicado (NADALIN, 2004, p. 79-81).

<sup>19</sup> A história das populações, “qualquer que seja o ritmo do seu dinamismo, mantém-se (...) por um processo de substituição de indivíduos, sob a forma de sucessão de gerações, desde o nascimento até a morte; ela se mantém, portanto, pela reprodução biológica, a qual gera os novos contingentes que vão integrar as sucessivas gerações” (CAMARGO, 1980, p. 13).

Indo um pouco adiante, as gerações a que pertence cada um dos membros da paróquia construíram uma memória – donde suas visões de mundo – tendo em vista uma experiência vivida diferentemente das gerações dos pais. Do mesmo modo, seus filhos contariam histórias diferentes a respeito de si mesmos. Dessa contradição, resultado da articulação de histórias geracionais superpostas sincronicamente, dependeria igualmente o processo de construção da identidade étnica do grupo.

Dito de outra maneira, o que aconteceu com cada uma dessas uniões associadas às mencionadas coortes dependeu muito dos projetos para o futuro elaborados pelos indivíduos que as compõem. Projetos esses – sem dúvida também frutos da história – constantemente reelaborados durante o desenvolvimento dos respectivos ciclos vitais e do matrimônio, o que ocorreu de maneira diferente para cada grupo observado. As chamadas famílias pioneiras, as duas sucessivas coortes de casais às quais denominei “teuto-brasileiros” e, finalmente, os enlaces ocorridos após 1940 foram marcados por reconstruções relativamente homogêneas do passado, coerentes com cada época em que se deram essas uniões – ao mesmo tempo e, muitas vezes, contraditoriamente, por conflitos de gerações. Quero destacar esta questão: a visão que cada indivíduo tem do mundo depende não só do lugar social que ele ocupa, da forma como ele se insere na sociedade organizada, mas também do referencial que tem do passado, função também do seu amadurecimento psicobiológico e educacional, ou seja, da sua idade (NADALIN, 2004, p. 81).

Detalhando um pouco a questão e para exemplificar, podemos afirmar que os indivíduos que somaram as primeiras gerações do grupo construíram suas memórias alicerçadas na experiência da imigração. Como mostram as TAB. 1 e 2 (NADALIN, 2000, p. 95), dos 388 homens e mulheres dessa coorte e analisados na pesquisa, 291 (75%) e 230 (59%), respectivamente homens e mulheres, nasceram no estrangeiro. Mesmo que as informações permitam inferir que a maioria imigrou com pais e irmãos, ainda crianças, foram-lhes ensinados valores “camponeses” no que se relaciona ao sexo, ao casamento e à procriação (NADALIN, 2000, p. 136-177).<sup>20</sup> De maneira bem diferente, os 520 casais da segunda coorte, bem como os 485 da terceira, foram marcados pela experiência de serem na maioria filhos de imigrantes, de um lado, e terem nascido e crescido num ambiente urbano, de outro lado. Trocando em miúdos,

---

<sup>20</sup> Essa qualificação “camponesa” para dar sentido aos comportamentos sexuais e matrimoniais dos casais da primeira coorte simplifica uma questão complexa, como ponderei em texto anterior (NADALIN, 1998, p. 467-468).

entre aqueles que denomino “teuto-brasileiros I”, 49% dos varões e 63% das mulheres nasceram em Curitiba, e, respectivamente, 46% e 59% na segunda coorte teuto-brasileira (“teuto-brasileiros II”) – relação percentual que diminuiu um pouco, dada a importância que adquirem na composição do grupo os indivíduos nascidos em Santa Catarina e outras regiões do Sul.<sup>21</sup> Sem dúvida, o ambiente urbano no qual se desenvolveram os ciclos vitais “teuto-brasileiros” e – o que é característico da história populacional brasileira no desenrolar da primeira metade do século XX – maiores expectativas de sobrevivência e melhores condições de saúde ajudam a explicar por que os casais dessas coortes adotaram métodos contraceptivos para planejar sua prole (SOUZA, 1994, p. 103-104). Por razões diferentes, os homens e mulheres das primeiras gerações, dos “pioneiros”, aproveitaram, em média, todo o ciclo fecundo do matrimônio para a reprodução (TAB. 3). De outra maneira, enquanto estes estavam ainda procriando, outros casais, mais jovens, na mesma época – e com outros valores – decidiram conter o número de filhos que poderiam ter, aproximando suas concepções mais para o início do ciclo matrimonial.

**TABELA 1**

**Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.**

**Casais MF e EF.<sup>22</sup> Origem dos cônjuges, 1866-1939 (homens).**

ORIGEM	CATEGORIAS					
	1866 – 1894		1895 – 1919		1920 – 1939	
	EF	MF	EF	MF	EF	MF
Estrangeiros	90 (78,9%)	201 (73,4%)	74 (37,4%)	89 (27,6%)	67 (45,2%)	102 (30,3%)
Santa Catarina	2 (1,8%)	36 (13,1%)	19 (9,6%)	38 (11,8%)	12 (8,1%)	21 (6,2%)
Curitiba	4 (3,5%)	30 (10,9%)	72 (36,4%)	184 (57,2%)	26 (17,6%)	199 (59,0%)
Outras	–	7 (2,6%)	5 (2,5%)	10 (3,1%)	1 (0,7%)	15 (4,6%)
Indeterminada	18 (15,8%)	–	28 (14,1%)	1 (0,3%)	42 (28,4%)	–
Total*	114 (100%)	274 (100%)	198 (100%)	322 (100%)	148 (100%)	337 (100%)

Fonte: Fichas de família (registros de batismos, casamentos e óbitos), CELC

\* Incluídas as fichas MF<sub>3</sub> e EF<sub>3</sub>, cuja idade da mãe é desconhecida.

<sup>21</sup> Infelizmente, ainda não pude contabilizar essas relações para a coorte cujo início de observação está balizado nos anos de 1940-1965. Entretanto, é de acreditar que a tendência evidenciada continue, considerando as informações que se inferem a partir dos registros de casamentos (NADALIN, 1975, p. 305-318).

<sup>22</sup> Os casais “MF” originam-se das fichas de famílias abertas a partir do casamento (“M” – *Mariage*), e que se caracterizam por uma data final de observação (“F” – *Fermé*). Os casais “EF” têm igualmente registrado um fim de observação (“F”), mas a data de início de observação registra-se com o nascimento do primeiro filho do casal ocorrido na paróquia (“E” – *Mariage Extérieur*). O estudo da fecundidade comparada dos dois subgrupos de famílias foi publicado em Nadalin, 2000, p. 90-103.

TABELA 2

Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

Casais MF e EF. Origem dos cônjuges, 1866-1939 (mulheres).

ORIGEM	CATEGORIAS					
	1866 – 1894		1895 - 1919		1920 - 1939	
	EF	MF	EF	MF	EF	MF
Estrangeiros	90 (78,9%)	140 (51,1%)	61 (30,8%)	43 (13,4)	54 (36,6%)	48 (14,2%)
Santa Catarina	2 (1,8%)	64 (23,3%)	27 (13,6%)	21 (6,5)	16 (10,8%)	28 (8,3%)
Curitiba	9 (7,9%)	66 (24,1%)	87 (44,0%)	246 (76,4)	40 (27,0%)	246 (73,0%)
Outras	–	4 (1,5%)	6 (3,0%)	12 (3,7)	7 (4,7%)	12 (3,6%)
Indeterminada	13 (11,4%)	–	17 (8,6%)	–	31 (20,0%)	3 (0,9%)
Total*	114 (100%)	274 (100%)	198 (100,0%)	322 (100%)	148 (100%)	337 (100%)

Fonte: Fichas de família (registros de batismos, casamentos e óbitos), CELC

\* Incluídas as fichas MF<sub>3</sub> e EF<sub>3</sub>, cuja idade da mãe é desconhecida.

Não quero nem posso, dados os objetivos deste texto, discutir de maneira mais profunda a questão, que deixa de lado uma série de problemas relativos à procriação e à produção de novas gerações.<sup>23</sup> O importante é que, pelo menos até 1939, as mudanças demográficas ocorridas entre os casais do grupo, no mínimo os que apresentam um ciclo matrimonial relativamente estável, constituem componentes “de um processo social e histórico determinado pelas circunstâncias concretas de vida” (SOUZA, 1994, p. 104). Isso teria se dado no contexto da construção do que denomino “cultura imigrante”, no interior de fronteiras étnicas relativamente bem definidas.

TABELA 3

Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. A história demográfica dos imigrantes de origem germânica e seus descendentes; 1866-1939.

Idade ao casar	Fichas de família MF	Idade observada da mulher – taxas de fecundidade por mil							D.T. <sup>1</sup>	Idade u.p. <sup>2</sup>	Idade média no casam.	F.C.P	F.C.P.
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49				s.s. <sup>3</sup>	L.s. <sup>4</sup>
Mulheres casadas de 1866 a 1894													
15-19	82	427	448	392	301	236	137	14	8,452	38,6	*	21,1	*
20-24	73	-	546	415	344	231	83	14	7,195	38,7	*	26,7	*
25-29	17	-	-	393	355	235	133	-	4,850	38,6	*	13,3	*
30+	10	-	-	-	571	353	237	48	*	*	*	*	*
Total	182	427	484	403	328	237	119	15	(9,0)	*	21,1	21,3	29,8

<sup>23</sup> Ver o proficuo artigo de Souza, 1994.

Mulheres casadas de 1895 a 1919													
15-19	87	482	377	223	125	66	29	11	4,969	32,7	*	18,4	*
20-24	125	-	445	339	192	118	48	3	4,844	33,7	*	8,9	*
25-29	30	-	-	320	355	163	91	9	3,890	37,4	*	0	*
30+	10	-	-	-	375	289	52	50	*	*	*	*	*
Total	252	482	409	296	196	115	48	9	(6,6)	*	21,9	11,8	18,0
Mulheres casadas de 1920 a 1939 <sup>1</sup>													
15-19	59	341	299	177	53	45	-	-	(3,344)	*	*	11,9	*
20-24	103	-	313	211	97	7	5	-	(2,548)	*	*	6,5	*
25-29	45	-	-	240	192	78	0	0	2,008	*	*	(8,6) <sup>6</sup>	*
30+	26	-	-	-	265	170	76	0	*	*	*	*	*
Total	233	341	306	207	128	94	48	0	(4,8)	*	23,1	8,0	14,7

**Observações:**

\* Não calculado.

<sup>1</sup> D.T. – Descendência total.

<sup>2</sup> Idade u.p. – Idade média da última parturição.

<sup>3</sup> F.C.P. s.s. – Freqüência de concepções pré-nupciais *stricto sensu* (números relativos obtidos a partir dos intervalos 0-7 (meses) entre o casamento e o primeiro nascimento).

<sup>4</sup> F.C.P. l.s. – Freqüência de concepções pré-nupciais *lato sensu* (números relativos obtidos incluindo-se os nascimentos ocorridos antes do casamento).

<sup>5</sup> Os casais cujo início de observação situa-se entre 1920 e 1939 tiveram seus ciclos matrimoniais observados até 31 de dezembro de 1939, o que impossibilitou os cálculos da descendência total para as mulheres casadas de 15 a 24 anos. Da mesma forma, impossibilitou o cálculo da última maternidade.

<sup>6</sup> ( ) Números pequenos.

Fonte: Bideau; Nadalin, 1988, p. 1045-1046; 1049.

Nadalin, 1997/1998, p. 213; 218.

Todavia, no que concerne à terceira coorte – cujos resultados apresentam uma coerência com a dinâmica demográfica das gerações anteriores –, as análises da fecundidade foram possivelmente prejudicadas pelo encerramento da observação em 31 de dezembro de 1939. Dadas as novas condições impostas pelos eventos ocorridos entre 1939 e 1945, deve-se tomar muito cuidado em inferir, para a continuidade do ciclo matrimonial além desse período traumático, que a descendência final tenha se mantido em torno de 3,3; 2,5 e 2,0 filhos, respectivamente, como foi calculado para as mulheres casadas com 15-19, 20-24 e 25-29 anos (TAB. 3).<sup>24</sup> Aliás, a escala semilogarítmica utilizada num gráfico que reproduzi (NADALIN, 2004, p. 85) autoriza pensar que os nascimentos sofreram uma leve retração nos anos de 1930 a 1950.<sup>25</sup> Em suma, esse corte em 1939-1945 nos ciclos matrimoniais iniciados no período 1920-1939 implica uma outra visualização.

<sup>24</sup> Pelas razões apontadas (em especial a ênfase das análises no polígono demarcado em A-B-G-J, no diagrama apresentado, contextualizando graficamente fronteiras étnicas aparentemente bem definidas), reconheço que tal cuidado não foi explicitado nos resultados apresentados em textos anteriores, tais como Bideau; Nadalin, 1988 e Nadalin, 2000.

<sup>25</sup> Essa inferência deve-se especialmente à comparação entre as curvas relativas ao crescimento estimado da comunidade, aos óbitos e aos nascimentos.

Sempre seguindo a máxima “compreender é complicar” (FÈBVRE, 1977, p. 119),<sup>26</sup> recorro a uma situação exemplificada há muitos anos por Marc Bloch e que cabe muito bem à história da população. Além de um processo de substituição de gerações, esta área de estudo,<sup>27</sup> tal como a própria história social, manifesta-se por um processo mais complexo de permuta. Essas trocas transmitem a herança cultural por vias diacrônicas e por meios “educacionais”, como que em fila indiana (BLOCH, 2001, p. 64). Foi assim que, de certo modo, desenvolveu-se a história étnica da comunidade em referência, até pelo menos os anos concernentes ao segundo conflito mundial. Como já mencionei, essa é uma perspectiva “linear”, que articula os diversos momentos da história de maneira seqüencial, do passado para o presente. Entretanto, é possível olhar o processo de outra forma, pontuando os diversos “momentos” da história da comunidade: dessa maneira, visualizar-se-ia como as crianças têm outros contatos com o passado, além daqueles mediados por seus pais. Dependendo da estrutura da família e do trabalho, pais e mães vivem durante mais ou menos tempo afastados dos filhos ou, em situações diferenciadas, pais e mães compartilham com os avós a educação dos filhos. Dessa forma, inverte-se a tradicional permuta diacrônica entre os grupos de idade, mencionada acima, combinando-se com uma relação muito mais “sincrônica”, superpondo num mesmo momento gerações cujos cérebros são mais “cristalizados” (os avós) a grupos de idade com “cérebros mais maleáveis” (os netos). Se imaginarmos os grupos étnicos como comunidades conservadoras, isso se deve em parte pela atenuação do antagonismo natural dos grupos de idade que se exerce, em geral, entre as gerações limítrofes constituídas pelos pais e pelos filhos (BLOCH, 2001, p. 64). Ou seja, a relação com o passado seria (também) mais ou menos mediada pelos avós.

De qualquer forma, a natureza do período definido pelos anos 1939 a 1945 (ou 1937-1945) autoriza imaginar um profundo comprometimento das relações intergeracionais, tal como sintetizado acima. As razões

---

<sup>26</sup> Ou, completando: “Compreender não é clarificar, simplificar, reduzir a um esquema lógico perfeitamente claro; traçar um desenho elegante e abstrato. Compreender é complicar. É enriquecer em profundidade. É ampliar gradualmente. É unir à vida” (p. 118-119).

<sup>27</sup> Tenho defendido que, diferentemente da disciplina história demográfica ou da demografia histórica, a história das populações constituiria a “diacronia”, historicizada, da área dos estudos populacionais ou dos estudos de população (NADALIN, 2004, p. 72-73).

expostas se complicam ao associarmos em especial o impacto das medidas “nacionalistas” nas comunidades teuto-brasileiras. O governo autoritário procurou, principalmente devido à necessidade de combater a propaganda nazista, “erradicar as influências estrangeiras atuantes, principalmente nos três Estados do sul, e inculcar nas populações de origem européia (...) o sentimento de brasilidade” (SEYFERT, 1981, p. 175). Em 1938 essa campanha de nacionalização atingiu em especial o ensino, “com a formulação e promulgação de um número substancial de decretos-leis destinados essencialmente a deter a experiência educacional dos núcleos estrangeiros nas zonas de colonização”.<sup>28</sup> Tais medidas alcançaram Curitiba, afetando as escolas alemãs aqui instaladas, como aconteceu com o Colégio Progresso, nesse mesmo ano. A minha hipótese é de que, decorrente desses fatos, a desorganização da socialização das crianças, tal como pensada entre os teuto-brasileiros no esquema “lar-escola-igreja”, atingia, sim, a manutenção do *Deutschtum* (SEYFERT, 1981, p. 181), mas principalmente ao se integrar ao ambiente traumático do período 1939-1945. Decretava-se, em certa medida, que a prática da língua alemã estava “fora-da-lei”.<sup>29</sup> Da mesma forma, as medidas do Estado Novo colidiam frontalmente com a idéia de uma Igreja Alemã, causando entre os evangélicos perplexidade e insegurança (PRIEN, 2001, p. 428). Tudo isso ajuda a compreender como se completa, enfim, o quadro que estou tentando destacar para balizar os dois grandes períodos da história da comunidade dos luteranos em Curitiba. Um quadro no qual se articulava o rompimento entre as gerações mais velhas e as novas, a partir de um antagonismo especialmente manifestado pelas novas gerações no período. Novamente, conflitos de geração, marcados em especial pela eferescência social, cultural e política. Os avós (e os pais) retraíram-se por medo e insegurança, e os jovens passaram a abominar as velhas idéias étnicas. São questões, finalmente, que explicam como foi engendrado o processo de mutação de um período a outro.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/capanema/capit5.htm>. Acesso em mar. 2006.

<sup>29</sup> Em 1938, as atas da agora Comuna Evangélica de Curitiba, nome que se institucionalizaria nos novos estatutos aprovados pelo Dops em 1939, eram redigidas em português. Em 26 de agosto daquele ano, a diretoria da agora Comuna Evangélica de Curitiba decidiu que a liturgia do culto seria feita em português, mas a prédica em alemão. Seguem-se ordens e contra-ordens, pois em 1939 as autoridades policiais haviam ordenado que os cultos fossem realizados em português, mas em setembro do mesmo ano permitiu-se que a liturgia fosse feita na língua da Igreja; mas a prédica, em português. Finalmente, em 1940 ordenava-se que o culto fosse todo ele realizado em vernáculo (NADALIN, 2000, p. 34; PETRY, 2002, p. 56-57).

## Conclusões

O exercício teórico aqui proposto tem uma coloração multidisciplinar: abrangido pelas virtualidades da área de estudos da história das populações, e tendo como referência as premissas metodológicas da reconstituição de famílias (HENRY, 1970, p. 78-105; 1977, p. 81-107; 1980, p. 65-112), articula questões que, quero crer, são caras à antropologia. De modo igual, associa temas da história – e eu salientaria temas da história social, da história política e da história institucional. Em outras palavras, tendo em vista a especificidade de uma problemática e de um objeto (as características étnicas de um grupo social) e a necessidade de estudá-lo na perspectiva da história, o texto refere-se às possibilidades colocadas pela utilização de técnicas de análise em demografia histórica, o que supõe marcos teóricos específicos (os ciclos de vida e os ciclos familiares). A experiência relatada tem, portanto, esse enfoque, e chama a atenção para a (de)formação característica de um ramo de estudo e de uma especialidade, e das possibilidades decorrentes.

Em síntese, a questão posta foi determinada tendo em vista a necessidade intrínseca de todo historiador trabalhar o tempo concernente ao seu objeto. Ou seja, utilizá-lo metodologicamente, uma vez que “temporalizar” é “historicizar” – âmbito da epistemologia da história. Todos já utilizam a tríplice concepção que, desde Braudel, constitui senso comum entre os historiadores. O problema, como colocado, refere-se principalmente à duração que se deve privilegiar (curta, média ou longa). Tal escolha não deve resultar de uma questão de fé, mas vincula-se ao que é demandado pela problemática e pelo objeto da pesquisa.

Em termos práticos, o problema que continuo tendo, pois muitas questões formuladas foram bastante simplificadas, é o de entender como, em 15 anos, ocorreram mudanças estruturais evidentes na história do grupo em estudo. Encontrei a possibilidade de uma resposta na articulação macro/micro ou, talvez melhor, na conjugação entre o evento catalisador e a longa duração. Entretanto, havia algo mais a considerar: a duração dos ciclos familiares (ou, como enfatizei, ciclos matrimoniais), combinados com os ciclos de vida dos membros da comunidade. De um lado, porque a história da família deve refletir as diversas fases da sua história, bem como os acontecimentos relativos à construção da identidade étnica; de outro, porque é na família, finalmente, que as coisas acontecem, o que tem constituído alicerce dos problemas que venho desenvolvendo.

Assim, agrupando as famílias em coortes, inseri nas análises uma temporalidade absolutamente não consistente com a tríplice dimensão braudeliana, daí a minha proposta de considerar-se uma “quarta” duração, característica dos ciclos de vida e dos ciclos matrimoniais, concernentes à duração da vida dos indivíduos e da família.

Toda a questão, finalmente, embute outra problemática metodológica que se coloca ao historiador. No processo histórico – traduzido na problemática revisitada neste texto –, o que se deve privilegiar, o “diacrônico” ou o “sincrônico”? Espero que tenha ficado clara a minha posição de associá-los convenientemente, como se associam duração e mudança, contradição evidente na dialética das durações.

### Abstract

This paper discusses the experience of investigation aimed at the ‘manifold interpretations’ inherent to the history of peoples and historical demography. It examines a theoretical landmark defined by the history of immigrants whose dynamism has kept a singular rhythm, though normally dictated by phenomena related to demographic transition. That history is defined by a four-angle temporal perspective (the three Braudelian dimensions and the temporality designed by the vital cycles of individuals grouped in four marriage cohorts). The theoretical landmark is completed by: a) a history of migrations, both of individuals originated from some part we might call Germanic Europe, and of men and women arriving in the city as a result of inner population displacements; b) a history of urbanization, founded in the consensus that the ‘production’ of urban agglomerates depends on how immigration, biological reproduction and cultural recreation articulate in them; c) a political history, whose theme develops in function of the conflict between two conceptions of citizenship: one – ‘Brazilian’ –, supported by the *jus solis*; the other – the origin of the German-Brazilian conceptions and ethnic values –, based on the *jus sanguinis*. In that context, the constitution of an identity - whose ethnic frontiers were defined by the group members and attributed by those outside - takes place; d) Finally, an institutional history, developing on two levels: on one, the German-origin Lutherans life and parochial organization in Curitiba; on the other, the history of parochial relations in the scope of the development of a supra-parochial organization that gave birth to the Lutheran Evangelical Church of Brazil.

**Key words:** Historical demography; Historical time; Ethnic group; Family cycle.

## Referências

- ANDREAZZA, M. L.; NADALIN, S. O. O cenário da colonização no Brasil meridional e a família imigrante. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, 11(1):61-87, jan./jul., 1994.
- BIDEAU, A.; NADALIN, S. O. Étude de la fécondité d'une communauté évangélique luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 à 1939. *Population*, Paris: Ined, 43(6):1035-1064, 1988.
- BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOTTMANN, D.; LADURIE, E. Emmanuel Le Roy Ladurie. "Événement et longue durée dans l'histoire sociale: l'exemple chouan". *História: questões & debates*, Curitiba, 7(13): 280-291, dez., 1986.
- BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales: la longue durée. BRAUDEL, F. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969. p. 41-83.
- CAMARGO, C. P. F. de. A dinâmica populacional como processo histórico-social. In: SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S. F.; SZMRECSÁNYI, T. (Org.). *Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise*. São Paulo: T. A. Queirós, 1980. p. 12-18.
- DUPÂQUIER, J. *Pour la démographie historique*. Paris: PUF, 1984.
- FEBVRE, L. *Combates pela história I*. Lisboa: Presença, 1977.
- FLEURY, M.; HENRY, L. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien* (3. ed). Paris: Ined, 1985.
- HENRY, L. *Manuel de démographie historique*. 2. ed. Genève-Paris: Droz, 1970.
- HENRY, L. Técnicas de análise em demografia histórica. Curitiba: UFPR, 1977.
- HENRY, L. *Techniques d'analyse en démographie historique*. Paris: Ined, 1980.
- LADURIE, E. Le Roy. Événement et longue durée dans l'histoire sociale: l'exemple chouan. In: LADURIE, E. Le Roy. *Le territoire de l'historien*. Paris: Gallimard, 1973. p. 169-186.
- MAGALHÃES, M. BREPOHL de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1998.
- MARTINS, M.. *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*. Curitiba: O Dia, s.d.
- NADALIN, S. O. Arquivo da Comuna Evangélica de Curitiba. Curitiba, *Arquivos Paranaenses* – Boletim da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 9:19-43, 1969.
- NADALIN, S. O. *A origem dos noivos nos registros de casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba: 1870-1969*. Curitiba, 1975. Dissertação, Mestrado, UFPR. 341 p.
- NADALIN, S. O. *Une paroisse germanique au Brésil: la Communauté Évangélique Luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*. Paris, 1978. Thèse, Doctorat 3<sup>e</sup> Cycle, EHESS. 555 p.

- NADALIN, S. O. Fecundidade das famílias de confissão luterana em Curitiba: 1920-1939 – pesquisa em andamento. *Revista Brasileira de História*, São Paulo 1(2): 175-184, set. 1981.
- NADALIN, S. O. Uma comunidade de origem germânica em Curitiba: demografia e sociedade (pesquisa em curso). *História: questões & debates*, Curitiba, 8(14/15):137-146, jul./dez., 1987.
- NADALIN, S. O. Sexuality, marriage and reproduction. *Brazilian Journal of Population Studies*, Brasília, 1:207-228, 1997-1998.
- NADALIN, S. O. Comportamentos demográficos numa paróquia de origem germânica em Curitiba – séculos XIX e XX. In: CELTON, D.; MIRÓ, C.; ALBORNOZ, N. Sanches. *Cambios demográficos en América Latina: la experiencia de cinco siglos*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba; Liege: International Union for the Scientific Study of Population, 1998. p. 461-482.
- NADALIN, S. O. *Imigrantes de origem germânica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade*. Curitiba: Quatro Ventos, 2000.
- NADALIN, S. O. *História e demografia: elementos para um diálogo*. Campinas: Abep, 2004.
- PETRY, R. *Da Gemeinde à comunidade: uma análise das mudanças de paradigma geradas pelas crises dos anos 30 e 40 entre os imigrantes alemães luteranos e seus descendentes em Curitiba*. Curitiba, 2002. Monografia, Curso de História, UFPR. 89 p.
- PRIEN, H. J. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis:Vozes, 2001.
- REHER, D. S. Desafios e conquistas da demografia histórica no final do século. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Brasília, 14(1/2): 101-124, jan./dez. 1997.
- SEYFERT, G. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SOUZA, G. Adeodato Alves de. A sucessão das gerações e a reprodução social. *Caderno CRH*, Salvador, (1): 93-126, jan./jun. 1994.
- WACHTEL, N. Aculturação. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 113-129.
- WILLEMS, E. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

